

**ESTUDO DOS TOPÔNIMOS DE ORIGEM INDÍGENA
NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA**

Verônica Ramalho Nunes (UFT)

vevethin@gmail.com

RESUMO

A toponímia é a disciplina que estuda os topônimos, ou seja, os nomes próprios de lugares. É considerada parte da linguística e possui relações intrínsecas com a geografia, história, antropologia e outras áreas do saber. Esta pesquisa consiste em estudar os nomes de origem indígena presentes no livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental, considerando uma perspectiva toponímica e interdisciplinar. Como percurso metodológico, optou-se por uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva. Dentro dessa abordagem, realizou-se uma pesquisa do tipo documental, posto que o instrumento utilizado para análise documental e coleta de dados é o livro didático. Como resultado da pesquisa realizada no livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental, foram identificados 85 topônimos de origem indígena, os quais compõem o corpus da pesquisa. Na análise, buscou-se compreender, a partir da identificação, descrição e etimologia desses nomes, as possíveis motivações acerca da nomeação dos topônimos indígenas, bem como, em que contexto esses nomes são apresentados no livro didático de geografia. Os resultados obtidos apontam que os aspectos físico-naturais, como flora, fauna, hidrografia e características do solo foram as principais fontes motivacionais para o denominador. O estudo dos nomes de lugares, aplicado ao contexto do ensino, possibilitará a ampliação de informações nas diferentes áreas do conhecimento no que concerne o processo ensino-aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Topônimo. Toponímia. Indígena.

1. Introdução

A nomeação de lugares e pessoas é uma prática realizada desde os primórdios da humanidade. Esse processo de nomeação possibilita a individualidade e, por conseguinte, a identificação única dos lugares e das pessoas. De acordo com suas características culturais, os povos designam no ato de nomear uma espécie legítima de registro, obtendo-se especificidades singulares da identificação dos lugares e das pessoas, o que possibilita maior relação de convivência no contexto social em que estão inseridos.

O indivíduo é caracterizado pela necessidade de consolidar suas impressões nos ambientes habitados por eles, cujo objetivo é eternizá-las ao longo da história. A toponímia estabelece a consolidação dessas impressões deixadas pelos indivíduos, sendo que a denominação dos nomes de lugares reflete sentimentos vividos pelas comunidades. Os estudos to-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ponímicos revelam-se de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois permitem a identificação de fatos linguísticos, de ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, a sua permanência/aceitação ou não em uma comunidade.

Nesse sentido, acreditamos que seja possível vincular esse estudo ao processo ensino-aprendizagem⁴¹, pois a toponímia apresenta elementos que revelam a cosmovisão dos indivíduos, resgata a memória, etimologia, valoriza a identidade, e assim enaltece o sentimento de pertencimento e a valorização do lugar. Empregado no contexto do ensino possibilitará ao aluno esse resgate histórico, cultural e identitário do nome. O estudo contribui ainda para a preservação de informações acerca da trajetória das comunidades que viveram e vivem em determinada região, bem como dos momentos históricos vivenciados por elas. Tais fatores contribuem de maneira efetiva para o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, uma das possibilidades de vincular esse estudo ao contexto do ensino é através do uso do livro didático de geografia do ensino fundamental, uma vez que ele traz conteúdos correlacionados à apresentação de nomes de lugares: geografia física⁴² e humana. A geografia é uma ciência que se dedica ao estudo do espaço⁴³ geográfico, sendo

⁴¹ Considerando que “o ato de ensinar e aprender implica sempre um mínimo de dois atores” e se entendemos que tais atores são sujeitos sociais, históricos e culturais, portanto, instrumentalizados pela linguagem, então podemos afirmar que há um fluxo nas duas direções, permutando valores, princípios e crenças. Podemos então salientar que “o ensino- aprendizagem é um processo no qual está sempre presente, de forma direta ou indireta, o relacionamento humano”. (ZUANON, 2006, p. 15)

⁴²A geografia física estuda os elementos inertes. A geografia humana é a parte da geografia geral que trata dos homens e suas obras desde o ponto de vista de sua distribuição na superfície terrestre. (SORRE, 2003, p. 137)

⁴³ Se tomarmos o espaço como absoluto ele se torna uma “coisa em si mesma” com uma existência independente da matéria. Ele possui então uma estrutura que podemos utilizar para clarificar ou para individualizar fenômenos. A característica de um espaço relativo propõe que ele deve ser entendido como uma relação entre objetos, a qual existe somente porque os objetos existem e se relacionam. Há outra acepção segundo a qual o espaço pode ser tomado como relativo, e proponho chamá-lo espaço relacional – espaço tomado, à maneira de Leibniz, como estando contido em objetos, no sentido de que um objeto existe somente na medida em que contém e representa dentro de si próprio as relações com outros objetos. (HARVEY, 1973, p. 4-5 *apud* MAIA & ALVES, 2009, p. 12)

os fenômenos da natureza, as ações dos seres humanos no meio ambiente⁴⁴, ou seja, representa as realizações humanas em determinado espaço.

O livro didático de geografia do 7º ano, objeto de estudo, tem como objetivos promover o processo de ensino-aprendizagem da geografia por meio de uma linguagem contemporânea e de fácil compreensão, visando despertar o interesse pelo seu estudo. Além disso, busca responder questionamentos referentes aos acontecimentos ao nosso redor, ou em diversos outros lugares no mundo. O livro didático aborda, no decorrer das unidades, aspectos relacionados aos lugares, cujos enfoques principais são paisagens, população, regiões brasileiras, observando suas transformações ao longo do tempo, explicitando como e por que elas ocorrem, bem como as diferenças existentes entre os aspectos naturais e culturais do planeta.

A ideia de estudar os nomes de lugares no livro didático de geografia surgiu pela escassez de pesquisas toponímicas voltadas ao contexto do ensino. Utilizamos para descrição e análise do *corpus*, apenas o livro didático de geografia do 7º ano por trabalhar com maior incidência os nomes de lugares. Adotamos a coleção da editora Scipione, utilizada pelas escolas públicas do ensino fundamental no Tocantins no ano 2012, tendo em vista o Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. A coleção do material pedagógico foi disponibilizada em grande escala pelas escolas públicas do estado, de acordo com um levantamento prévio feito para essa pesquisa nas escolas de Palmas.

Este estudo é orientado pela premissa de que o livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental aborda em seu volume os nomes de lugares de maneira significativa, por trabalhar diretamente questões relativas ao território, paisagens, as faces do espaço geográfico brasileiro, como as regiões. Os nomes de origem indígena, presentes no livro didático de geografia, apresentam-se em contextos específicos do ensino na geografia, situando nomes de municípios, estados, capitais, vilas, ou seja, aglomerados humanos. Constatamos que a abordagem etimológica desses nomes, quando existe, é bastante superficial. No entanto, enfatizamos que um estudo sob a ótica da etimologia poderá possibili-

⁴⁴ Historicamente, temos também em relação à geografia uma naturalização do homem, seja no conceito de paisagem, como no de ambiente. Entretanto, Gonçalves (1989), em sua crítica ao conceito de meio ambiente, propõe uma visão de ambiente por inteiro, ou seja, considerá-lo nas suas múltiplas facetas. Não sendo mais possível conceber ambiente como equivalente a natural. O ambiente por inteiro como se refere implica em privilegiar o homem como sujeito das transformações, sem negar as tensões sob as mais diferentes dimensões. (SUERTEGARAY, 2001)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tar ao aluno conhecer a origem/procedência dos nomes, suas particularidades e curiosidades.

A metodologia empregada baseia-se no plano onomasiológico de investigação, tendo como parâmetros os fundamentos teórico-metodológicos propostos por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990). Será utilizado o método indutivo para que, ao longo das descrições onomásticas⁴⁵, se construam hipóteses de trabalho. Para este estudo, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Dentro dessa abordagem, será realizada uma pesquisa de cunho documental, bem como levantamento bibliográfico. O livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental será utilizado como instrumento para análise documental e coleta de dados.

2. *Os nomes de lugares no livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental*

O uso do livro didático deve ser compreendido como elemento de intermediação nos processos de ensino e aprendizagem, um produto comercializado que contém o conhecimento para a formação do aluno, como produto que precisa ter qualidade em termos de conteúdo, formatação e durabilidade.

Para fins de análise deste estudo, selecionamos o livro didático intitulado Projeto RADIX⁴⁶: Raiz do Conhecimento (Manual do Professor), volume do 7º ano do ensino fundamental. O livro foi elaborado por especialistas: a primeira, Valquíria Pires Garcia, tem formação em história e filosofia da ciência, e o segundo, Beluce Bellucci, em história econômica. Os autores trouxeram, logo no início, informações prévias de como a obra está organizada: a quantidade de módulos em que a obra está dividida (8 módulos); os boxes, que são textos com informações adicionais; as seções especiais e o material suplementar apresentado no final do livro.

⁴⁵ A onomástica (do grego ὀνομαστική ato de nomear) ciência que estuda os nomes próprios, tem duas subáreas ou subsistemas: a toponímia (do grego τόπος lugar e ὄνομα nome) e a antroponímia (do grego ἄνθρωπος, homem, e ὄνομα nome). A primeira estuda os nomes próprios de lugares, e a segunda os nomes próprios de pessoas. A onomástica é uma disciplina científica com suas regras, taxionomia e metalinguagem. (CIRRINCIONE, 2010, p. 200)

⁴⁶ RADIX: É uma palavra latina que significa raiz. Em latim, o substantivo radix era empregado tanto em sentido próprio [raiz de uma planta] como em sentido figurado. Dependendo do contexto, radix pode significar, como raiz em português, base, fonte fundamento, origem. (BELLUCCI & GARCIA, 2010, p. 3)

A seguir, uma tabela demonstrando os temas abordados em cada módulo do livro:

MÓDULO	TEMÁTICA ABORDADA
1	Brasil: tantos lugares, tantas paisagens
2	O território brasileiro
3	A população brasileira
4	O rural e o urbano: as duas faces do espaço geográfico brasileiro
5	As regiões brasileiras
6	O Centro-Sul
7	O Nordeste
8	A Amazônia

TABELA 1: Temáticas abordadas pelos módulos no livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental. Fonte: BELLUCCI & GARCIA, 2010.

A proposta desse trabalho é realizar um estudo toponímico aplicada ao ensino, cujo objetivo é conhecer e compreender de que forma os nomes de origem indígena estão presentes no livro didático de geografia no volume do 7º ano do ensino fundamental. A justificativa para abordar esse tema deu-se pela escassez de trabalhos com os nomes de lugares, focados no contexto do ensino, numa perspectiva interdisciplinar.

Os topônimos indígenas estabelecem fortes influências históricas e culturais, isso ocorre devido à expressiva quantidade de nomes indígenas no Brasil, em virtude do grande número de povos indígenas que habitaram o país no período da colonização, os quais deixarão uma extensa herança cultural. A escolha do volume do 7º, em especial, deu-se por apresentar conteúdos que trabalham um número maior de ocorrências e descrições dos nomes de lugares: estudo das paisagens e do território brasileiro, bem como, suas regiões. Desta forma, o seu conteúdo amplo subsidiou significativamente os dados necessários para esta pesquisa.

O livro didático do 7º ano estabelece como objetivos: promover o processo de ensino- aprendizagem da geografia por meio de uma linguagem contemporânea e de fácil compreensão, visando despertar o interesse pelo estudo da geografia. Além disso, busca explorar os conteúdos por meio de situações contextualizadas e relacionadas à realidade dos alunos e procura valorizar o conhecimento prévio como ponto inicial para construção de novos conhecimentos. Intenciona trabalhar numa abordagem interdisciplinar com o intuito de associar os conteúdos a várias áreas do conhecimento, a saber: história, matemática, língua portuguesa, ciências naturais e arte.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

A maioria dos nomes de lugares presentes do livro didático foram catalogados através dos mapas, pois aparecem constantemente no decorrer dos módulos. Os mapas são considerados fontes primárias das pesquisas toponímicas e, nesse estudo, consistem em uma fonte de dados durante a coleta dos topônimos. Os mapas foram utilizados para situar os diferentes lugares apresentados ao longo do volume.

Durante o processo de catalogação dos topônimos, optamos por utilizar somente os nomes que contemplavam o território brasileiro. Nosso interesse é identificar os nomes de origem indígena presentes no livro didático de geografia, bem como, compreender as possíveis motivações que levaram os povos indígenas, que habitaram ou ainda habitam o território brasileiro, a nomear os elementos humanos já lexicalizados em dicionários. Consideramos para a análise etimológica os dicionários de Theodoro Sampaio (1987), Silveira Bueno (2013), Luiz Caldas Tibiriçá (1984) e (1985), Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) e Antônio Houaiss (2009).

Após a identificação e coleta dos nomes, partimos para a descrição etimológica, cujo objetivo foi o de nos certificarmos da origem indígena ou não dos nomes. Além dos mapas, coletamos os dados através de textos verbais e não verbais e exercícios propostos, cujo contexto empregado era geralmente para discorrer sobre acontecimentos, identificar as diferentes regiões brasileiras e os fatos históricos das regiões, bem como, as transformações das paisagens naturais existentes nas regiões.

Como citamos anteriormente, os nomes foram catalogados tendo em vista diferentes contextos, e um deles foi a partir dos exercícios propostos no livro didático que também traz diversos boxes informativos, ao longo do seu volume. Outros nomes foram identificados a partir de informações acompanhadas das imagens das regiões.

Identificamos que o trabalho com os nomes de lugares no livro didático é especificamente abordado pelo viés da geografia, sem muitas referências a aspectos de natureza etimológica, sócio-histórica ou cultural. No entanto, percebemos que uma abordagem dos nomes pelo contexto da toponímia poderia auxiliar na ampliação do leque de conhecimento dos alunos, pois permitiria que o educando realizasse observações, descrições, analogias, interpretações, além de análises mais precisas acerca das regiões, territórios e paisagens estudadas.

3. Descrição e análise etimológica dos topônimos indígenas no livro didático

Os grupos indígenas, que habitaram (ou ainda habitam) o Brasil, contribuíram significativamente para nossa história e identidade linguística e estabeleceram parte de nossas bases culturais de um modo geral, ao longo dos séculos. Os nomes de lugares de origem indígena são predominantes na toponímia brasileira, devido à forte presença de diversos grupos indígenas.

Para fins de análise, identificamos 85 topônimos de origem indígena, os quais compõem o *corpus* da pesquisa. Observamos, partindo da descrição etimológica, que os aspectos físico-naturais, como flora, fauna, hidrografia e características do solo, foram as principais fontes motivacionais para os denominadores que utilizaram unidades léxicas, oriundas de línguas indígenas, para nomear os elementos de natureza física e humana.

Compreendemos também que parte da ocorrência de nomes, provenientes de aspectos físico-naturais, ocorreu devido à presença do indígena desde à época do “descobrimento” por parte dos colonizadores, como também, do uso da língua geral⁴⁷, durante o processo de colonização por parte de expedicionários, os quais andavam em busca de apresamento de indígenas ou à procura de metais preciosos.

Em relação aos topônimos de origem indígena, identificamos que os entes motivadores dos nomes, levantados neste trabalho, foram basi-

⁴⁷ Segundo Aryon Dall'Igna Rodrigues, “A expressão ‘língua geral’ foi inicialmente usada, pelos portugueses e pelos espanhóis, para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área. Assim, na América espanhola, o quêchua já no século XVI foi chamado de “Língua Geral do Peru” e o guarani, no início do século XVII, de “Língua Geral da Província do Paraguai”. No Brasil, entretanto, tardou bastante o uso dessa expressão por parte dos portugueses. A língua dos índios tupinambá, que no século XVI era falada sobre enorme extensão, ao longo da costa atlântica (do litoral de São Paulo ao litoral do Nordeste), não teve consagrada a designação de “língua geral” nos dois primeiros séculos da colonização de “língua geral” nos dois primeiros séculos da colonização. O padre Anchieta intitulou sua gramática, a primeira que dela se fez (publicada em 1595), “Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil”. Outros autores referiam-se a ela como a “língua do Brasil”, a “língua da terra” (isto é, desta terra, da terra do Brasil), a “língua do mar” (isto é, a língua falada na costa, junto ao mar). Mas o nome cujo uso se firmou, sobretudo ao longo do século XVII, foi o de “língua brasileira”. Assim, o catecismo publicado em 1618 chamou-se *Catecismo da Língua Brasileira*; a segunda gramática, feita pelo padre Luiz Figueira e cuja primeira impressão é de 1621, foi a “Arte da Língua Brasileira”; o dicionário dos jesuítas, cujo manuscrito melhor conhecido é do mesmo ano de 1621, traz o nome de *Vocabulário na Língua Brasileira*, e assim por diante”. (RODRIGUES, 1994, p. 99 e 100)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

camente relativos à vegetação, fauna, características do solo. Essa recorrência é visível tanto na Toponímia indígena quanto na não indígena em todo território brasileiro.

Os topônimos descritos são formados por, pelo menos, um elemento de origem indígena, no qual predomina o tupi de modo geral, uma vez que foi a língua mais falada em toda a costa do Brasil. Nesse sentido, Aryon Dall'Igna Rodrigues (1994, p. 21) afirma que: “Esta foi a língua predominante nos contatos entre portugueses índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante no Sul e da ocupação amazônica no Norte”.

Identificamos que a maior ocorrência de topônimos de origem indígena encontrados no livro didático pertence à região Nordeste do Brasil, com 29 topônimos. Para demonstrar os dados, segue uma tabela com a incidência de nomes de origem indígena por região do Brasil.

REGIÃO	TOTAL DE TOPÔNIMOS DE ORIGEM INDÍGENA
REGIÃO NORTE	19
REGIÃO NORDESTE	29
REGIÃO CENTRO-OESTE	2
REGIÃO SUDESTE	28
REGIÃO SUL	7

TABELA 2: Incidência de topônimos de origem indígena por Regiões Brasileiras identificadas no livro didático de geografia do 7º ano no Ensino Fundamental.

Fonte: BELLUCCI & GARCIA, 2010.

A partir dos nomes identificados, observamos que os nomes são vocábulos já incorporadas ao léxico efetivo da língua portuguesa os quais se encontram registradas nos principais dicionários: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) e Antônio Houaiss (2009). Isso se justifica pelo fato de esses nomes incorporarem uma função denominadora e passarem, assim, a nomes próprios de elementos físicos e humanos. A língua portuguesa recebeu fortes contribuições e influências das línguas indígenas, sobretudo a do tupi, sendo a mais significativa no vocabulário brasileiro. Esses fatores refletem na gama de nomes de origem indígena, sejam nomes próprios de lugares ou de pessoas. Isso só confirma as marcas identitárias, oriundas de línguas indígenas, incorporadas ao léxico português.

Para o processo de identificação e descrição etimológica dos topônimos, foram utilizados os dicionários de: Theodoro Sampaio (1987), Silveira Bueno (2013), Luiz Caldas Tibiriçá (1984) e (1985), Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) e Antônio Houaiss (2009). A moti-

vação para escolha dos dicionários de Theodoro Sampaio, Silveira Bueno e Luiz Caldas Tibiriçá deu-se, primeiramente, pelo fato de esses dicionários trabalharem com a etimologia de nomes indígenas. O dicionário de Theodoro Sampaio é uma das grandes referências no estudo do vocabulário geográfico brasileiro tupi e, também, é utilizado como referência pelos demais dicionaristas.

Apresentaremos, a título de exemplificação, uma tabela com algumas das descrições etimológicas realizadas dos nomes de origem indígena identificados no livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental.

Nº	1
TOPÔNIMO	ACARAÚ (CE)
ELEMENTO	HUMANO
ETIMOLOGIA	TIBIRIÇÁ (1984, p. 16): Rio que nasce na Serra das Matas, no Ceará; rio do mun. de Feijó no Território do Acre; Cid. E mun. Do Ceará; de <i>acará-y</i> , rio do acará, ou de <i>acará-u</i> , comedouro dos acarás. TIBIRIÇÁ (1985, p. 50): Nome de uma árvore; de <i>acará-ú</i> , comida de acará. SILVEIRA BUENO (2013, p. 33): s. Acará preto, var. <i>acaràuna</i> .
Nº	2
TOPÔNIMO	ACRE
ELEMENTO	HUMANO
ETIMOLOGIA	SILVEIRA BUENO (2013, p. 36): s. Nome de um dos Estados do Brasil. Nome do rio que banha essa região, rio <i>akiry</i> . TIBIRIÇÁ (1984, p. 17): E. brasileiro situado no extremo SO amazônico; do aruaco, <i>uaikiri</i> , através do dial. ipurinã. HOUAISS (2009): lat. <i>acer,acris,acre</i> 'id.' adjetivo de dois gêneros 1. que tem sabor amargo, ácido, azedo Ex.: <i>o gosto a. do limão</i> 2. de cheiro ativo, forte, penetrante Ex.: <i>odor a. das conservas</i> 3. de som agudo, pungente Ex.: <i>o timbre a. de algumas vozes</i> 4. Derivação: sentido figurado. de rudeza desagradável; áspero, mordaz, ríspido Ex.: <i>gênio a.</i> 5. Derivação: sentido figurado. que provoca amargura; aflitivo, doloroso, tormentoso Ex.: <i>sentimentos a.</i> substantivo masculino 6. sabor acre, azedo, amargo 7. odor acre, forte, enjoativo.
Nº	3
TOPÔNIMO	AGUAÍ (SP)
ELEMENTO	HUMANO
ETIMOLOGIA	TIBIRIÇÁ (1984, p. 17): - cid. à margem do rio Itapeva, SP; de <i>aguá</i> , esp. de batráquio (termo onomatopaico) e y, rio; int. rio dos sapos. TIBIRIÇÁ (1985, p. 52): guiso, chocalho pequeno. SILVEIRA BUENO (2013, p. 37): s. Cascavel, guiso de casca-vel; nome da antiga cidade de Cascavel. HOUAISS (2009): lat. cien. gên. <i>Ahouai</i> (1754), do tupi <i>awa'í</i>

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

	'variedade de fruto e árvore conhecida como cascaveleira'. substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. design. comum a diversas spp. do gên. <i>Chrysophyllum</i> , da fam. das sapotáceas, ger. exploradas pela madeira, us. na confecção de móveis e ferramentas m.q. <i>aguaúzeiro</i> (<i>Chrysophyllum lucumifolium</i>) 2 .m.q. <i>agat</i> (<i>Thevetia ahouai</i>).
Nº	4
TOPÔNIMO	AMAPÁ
ELEMENTO	HUMANO
ETIMOLOGIA	<p>TIBIRIÇÁ (1984, p. 18): território do norte do Brasil; de <i>amapá</i>, nome de uma planta de suco leitoso e medicinal, também chamada <i>cataúá</i>; <i>amapá</i> é termo de origem caribe.</p> <p>TIBIRIÇÁ (1985, p. 56): certa planta de suco leitoso e medicinal (Silva Bastos).</p> <p>SILVEIRA BUENO (2013, p. 43): s. Árvore ribeirinha, cujo látex é medicinal. Nome de um dos estados do norte do Brasil. Estado do Amapá.</p> <p>HOUAISS (2009): top. lago <i>Amapá</i>, de orig. caribe. substantivo masculino. Rubrica: angiospermas. Árvore de grande porte (<i>Parahancornia fasciculata</i>) da fam. das apocináceas, com fuste longo, folhas opostas, oblongas, pouco acuminadas, flores em corimbos, diminutas, brancas e aromáticas, frutos roxo-escuros, de polpa alaranjada, doce e comestível; amapá-amargoso, amapazeiro [Nativa da região amazônica, Peru, Guianas e Brasil (esp. PA e AP), de madeira útil em marcenaria, construções e produção de celulose, exsuda látex branco e amargo, com várias aplicações medicinais.]</p> <p>FERREIRA (2004): [Do tupi.] Substantivo masculino. 1. Bras. PA Bot. Árvore da família das apocináceas (<i>Parahancornia amapa</i>), de madeira útil, e cuja casca, amarga, exsuda látex medicinal, de aplicação no tratamento da asma, bronquite e afecções pulmonares, tendo seu uso externo poder resolutivo e cicatrizante de cortes e feridas.</p>
Nº	5
TOPÔNIMO	ARACAJÚ- SE
ELEMENTO	HUMANO
ETIMOLOGIA	<p>TIBIRIÇÁ (1984, p. 21): capital do E. de Sergipe; de <i>ar-acaju</i>, dia de festa da passagem do ano (versão de vários autores); <i>acaju</i>, nome do conhecido fruto, também significa “ano”, pelo fato de os índios guardarem num pequeno saco parte rija (que é o verdadeiro fruto), para poder contar os seus anos de vida, daí a extensão do vocábulo.</p> <p>SILVEIRA BUENO (2013, p. 55): s. Nome da capital de Sergipe. Theodoro Sampaio achq que signifique o cajueiro dos papagaios. Achamos que seja apenas o tempo, a época do caju, pois, servia aos indígenas de base para a contagem dos anos, Ara é tempo, estação.</p> <p>SAMPAIO (1987, p. 197): s. c. <i>ará-acayú</i>, o cajueiro dos papagaios. Sergipe</p> <p>FERREIRA (2004): Bras. Substantivo de dois gêneros.</p>

	<p>1. Etnôn. Indivíduo dos aracajus, povo indígena extinto, de língua pertencente ao tronco tupi, que habitava a região do rio Paru, afluente do rio Amazonas (PA). Adjetivo de dois gêneros.</p> <p>2. Pertencente ou relativo a esse povo. [Tb. us. como s. 2 g. e 2 n. (com cap.) e adj. 2 g. e 2 n.]</p>
--	--

TABELA 3: Topônimos de origem indígena levantados no livro didático de geografia do 7º ano no Ensino Fundamental.

Fonte: BELLUCCI & GARCIA, 2010; BUENO, 2013; FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009; SAMPAIO, 1987 e TIBIRIÇÁ, 1084 e 1985.

Foi possível observar, a partir da análise etimológica, que os nomes de origem indígena, todos incorporados à língua portuguesa, designam características físico-naturais, como aspectos hidrográficos, climáticos, relativos à fauna, flora, características do solo etc.

Os resultados demonstram e reiteram a importância do uso das línguas indígenas na descrição e formação dos nomes de lugares brasileiros, bem como, marcas na herança histórica, cultural, social e de identidade nacional.

O trabalho com os nomes de lugares aborda aspectos históricos, geográficos, etimológicos, culturais, antropológicos etc. como explicitamos ao longo do trabalho, geram inúmeras possibilidades de ensino-aprendizagem e o livro didático pode ser uma ferramenta auxiliar e complementar nesse processo, tendo em vista que é utilizado de maneira significativa nas escolas pelos professores e alunos e seus conteúdos podem ser trabalhados pelo viés toponímico.

4. Considerações finais

O estudo dos nomes revela aspectos inerentes à cultura, identidade, memória, política, religião de um povo, os quais acreditamos que, aplicados ao contexto do ensino, poderão possibilitar a ampliação do processo ensino-aprendizagem ao contribuir para o complemento de formações nas diferentes áreas do conhecimento.

Foram identificados 85 topônimos de origem indígena no livro didático de geografia do 7º ano do ensino fundamental. A descrição etimológica dos dados evidenciou uma influência por parte do ambiente físico, sendo a principal fonte motivacional para nomeação dos nomes indígenas. Aspectos como flora, fauna, hidrografia e características do solo compõem as principais influências no processo de nomeação.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

No tocante às reflexões apresentadas, acreditamos que particularmente a língua tupi teve uma influência não só no processo nomeação dos topônimos, como também, em aspectos relativos à história, cultura, língua e memória nacional. Esses fatores revelam a herança cultural deixada por esses povos nos costumes, crenças, hábitos dos brasileiros, mas, sobretudo, eternizaram-se na geografia nacional, como é o caso dos nomes de lugares: Tocantins, Araguaia, Paranã, Guaraí, Curitiba, Monguaguá, Paraíba e tantos outros.

A quantidade de topônimos indígenas identificados no livro didático de geografia foi relevante e satisfatória, uma vez que os dados demonstram a influência da língua e cultura do povo tupi. A partir da descrição etimológica, percebemos que os aspectos físico-naturais como fauna, flora predominam entre os topônimos. Esses fatores estabelecem a motivação por parte do denominador durante o processo de nomeação, como também, reflete a importância da cultura e língua indígena para constituição desses nomes.

O estudo revelou-se importante no que diz respeito a propagação do sentimento de pertinência e identidade nacional os quais estão presentes na Toponímia brasileira em geral. O nome de lugar não está à sombra ou desvinculado ao contexto social, político, histórico, ambiental e cultural dos grupos, eles refletem e retratam a natureza das comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUCI, Beluce; GARCIA, Valquíria Pires. *Projeto RADIX: Raiz do Conhecimento*. Geografia 7º ano. São Paulo: Scipione, 2010.

BUENO, Silveira. *Vocabulário tupi-guarani português*. 8. ed. São Paulo: Vidalivros, 2013.

CIRRINCIONE, Alessandra. Mapa e memória: Parque Anhangabaú e rua Anhanguera. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, vol. 39, n. 1, p. 200-213, mai.-ago. 2010.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Positivo, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAIA, Adriano Corrêa; ALVES Flamarion Dutra. Categorias e epistemologia: Reflexões teórico-metodológicas na ciência geográfica. In.: *V Encontro de Grupos de pesquisa "Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais* 25, 26, 27 de novembro de 2009. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. corr. e aum. São Paulo: Nacional, 1987.

SORRE, Max. A geografia humana (introdução). *Geographia*, ano V, n. 10, p. 137-143, 2003.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, n. 93, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em: 05-11-2016.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi*. 1. ed. São Paulo: Traço, 1985.

_____. *Dicionário tupi português*. 2. ed. São Paulo: Traço, 1984.

ZUANON, Átima Clemente Alves. O processo ensino – aprendizagem na perspectiva das relações entre: professor-aluno, aluno-conteúdo e aluno-aluno. *Revista Ponto de Vista*, UFV – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, vol. 3. p. 15-24, 2006.